

DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.013

## OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA, NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE AS LETRAS E OS PINCÉIS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim

Mestra em Crítica Cultural, Escritora de literatura infantojuvenil, Doutoranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, e-mail [mrs.bamorim@yahoo.com.br](mailto:mrs.bamorim@yahoo.com.br), instagram [@elisabethamorim6](https://www.instagram.com/elisabethamorim6), site [www.toquepoetico.wordpress.com](http://www.toquepoetico.wordpress.com)

### RESUMO

Este artigo propõe discutir acerca do diálogo entre o romance Os sertões, de Euclides da Cunha (1902), e outras artes presentes no livro didático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Ensino Médio, geralmente, tais artes são transmutadas para espaços virtuais. Um diálogo sustentado pela intersemiose de Roland Barthes e o desconstrutivismo de Jacques Derrida, busca na herança euclidiana, a partir do signo guerra, produções artísticas que remetem a Guerra de Canudos (1896-1897), temática da terceira parte do livro em discussão. Como os silêncios foram rompidos desde a primeira publicação de Os sertões, as representações artísticas alusivas ao enredo poderão fortalecer e ecoar vozes submersas, como as pinturas de Silvío Jessé, por exemplo. Desse modo, os estudos canadinos promovidos por Lícia Soares de Souza, Manoel Neto, Iraci da Rocha e Antônio Olavo são como pincéis sobre a tela inconclusa que vem sendo pintada desde o final do século XIX, por muitas mãos que transformam a tragédia ocorrida em Canudos em arte.

**Palavras-chave:** Os sertões, Livro didático, Produções artísticas, Educação Básica, Silvío Jessé.

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX aconteceu na Bahia um dos conflitos mais violentos da história, no entanto, o inimigo feroz a ser combatido e enfrentado por militares era o povo canudense. Uma população pobre que, ao transformar Belo Monte, mais precisamente, o Arraial de Canudos – um espaço geográfico desassistido econômico, cultural e politicamente – em um local de resistência e luta pela própria sobrevivência, assinou a própria condenação. E desde então surgiram várias narrativas em diferentes linguagens nas quais o líder de Canudos – Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, ora é o vilão do conflito, ora é o herói.

Vilão ou herói depende do ponto de vista de cada um que leu, releu, desleu o livro “Os sertões”, de Euclides da Cunha e mais as variadas obras literárias, artigos, ensaios, pesquisas em geral que surgiram a partir dessa herança euclidiana. O livro *Os sertões* é dividido em três partes: A terra, O homem e A luta. Fruto das pesquisas feitas pelo jornalista Euclides da Cunha, correspondente do Jornal Província de São Paulo, que veio à Bahia em 1897, no final da Guerra de Canudos para cobri-la, mas devido a intensidade do conflito foi impedido de entrar no local da guerra. Valendo-se de pesquisas rigorosas sobre a terra do embate, localização, clima, vegetação, população e entrevistas com as pessoas que moravam no entorno, foi se (des)construindo um novo painel do evento, dos moradores e do líder religioso.

Este artigo faz parte da minha pesquisa de doutorado em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas, traz uma abordagem qualitativa, fundamenta-se através de proposta desconstrutivista pelo viés da intersemiótica, na qual o livro *Os sertões*, considerado um livro-reportagem, publicado pela primeira vez em 1902, pela Editora Lançamento, cujo autor Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) foi aclamado por apontar uma outra versão para Guerra de Canudos, oposta a versão oficial. *Os sertões* tornou-se uma referência para os estudos em campos de conhecimentos diversos, todavia, interessa-nos é o viés artístico-literário que chega aos livros de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, do Ensino Médio, e faz com que estudantes

reassignifiquem fragmentos do livro em discussão para além do livro didático.

Fazendo uso de trinta livros de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira que fazem parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), Ensino Médio, volume 3, estamos investigando como *Os sertões* aparece nos livros didáticos, já que este livro nasceu de um grande conflito entre militares fortemente armados e a população seguidora do líder religioso Antônio Conselheiro, uma tragédia incalculável com a morte dos moradores de Canudos e incêndios das moradias. Pós- publicação houve inundações programadas pela construção de barragem de Cocorobó para esconder as ruínas de Canudos. As tragédias de Canudos foram por etapas, desde as primeiras expedições militares para dispersarem os moradores ou através das águas represadas do Rio Vaza Barris. Tais particularidades contribuíram para criação de muitas narrativas e artes presentes em dissertações e teses, em sua maioria, distantes de estudantes da educação básica.

O livro didático geralmente é principal recurso pedagógico acessível aos estudantes, professores, coordenadores e demais segmentos da comunidade escolar. É comum as escolas terem computadores, mas sem estrutura física para o funcionamento dos laboratórios de informática, ou internet que atenda as demandas. Entretanto, como instrumento de informação, o livro de Língua Portuguesa e Literatura brasileira, de certa forma, mapeia a literatura que o leitor terá contato. Desse modo, chama-nos a atenção o excesso de caricaturas de Antônio Conselheiro para ilustrar os fragmentos do texto de Euclides da Cunha, e pinturas, praticamente, sem exploração alguma. Fazendo-nos inferir que só informar não basta, é preciso trilhar para formação e transformação de leitores e leitoras.

Com intenção de buscarmos os diálogos ecoados das pinturas representativas da obra de Euclides da Cunha, vimos como Souza (2004) descreve o conflito da Guerra de Canudos conforme a leitura de *Os Sertões*, uma vez que o sertanejo se transmuta para um guerrilheiro em defesa da sua terra. Lembrando que essa metamorfose foi também sinalizada por Euclides da Cunha ao nomear o sertanejo em "Hércules-quasímodo", uma mistura do forte e belo contrapondo-se com o desengonçado.

A terceira parte de Os Sertões, A luta, é uma narrativa épica que se abre com o signo do jagunço saqueador, apresentado num perfil positivo, revelando o elemento humano habilitado historicamente para integrar o território nacional. É ele quem desenvolve uma espécie de cumplicidade com a terra, mesmo desprovida, que o entende e o aprecia na sua vida de combates. (SOUZA, 2004, p. 6)

Sem dúvida, os órfãos e simpatizantes de Canudos não deixam o evento histórico, aqui, investigado pelo cunho literário, ser esquecido. Aprender literatura através de outras artes, partindo das leituras propostas em manuais didáticos ou em espaços virtuais reforça a junção da Literatura e a Semiologia, uma corrigindo e ajudando a si mesma e a outra. Barthes (2001) defende que a literatura não fetichiza os saberes, mas ela consegue dialogar com todos eles, porque a força de poder da semiosis multiplica os sentidos de um signo. E é justamente esses sentidos múltiplos que emanam em diferentes linguagens e dialogam com a produção literária euclidiana que nos interessam.

Bem, sabemos o quanto é difícil promover a leitura literária no âmbito escolar com as carências peculiares das escolas de públicas. E quando insistimos na formação do leitor a inquietação sobre o conteúdo do livro didático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira não é por acaso. Se por um lado as escolas não oferecem condições tecnológicas para que as leituras sejam ampliadas, por outro lado, boa parte dos estudantes do Ensino Médio fazem uso de celulares no processo de desmontagem do literário nas produções de vídeos curtos e postagens de imagens em redes sociais.

Se por um lado falta o grito dos excluídos de Canudos, órfãos da tragédia, nos livros didáticos, do lado oposto, nas artes do artista plástico Silvio Jessé, os gritos são presentes, a Guerra de Canudos é pintada em vários tons. Pinturas disponíveis em sites que evidenciam a arte e redes sociais do artista baiano da cidade de Vitória da Conquista. Para o uso de tais imagens, recebemos autorização do próprio autor. Assim, a promoção de diálogos artísticos e literários para que possamos extrair das narrativas negadas outras formas de leituras e escritas subjacentes do literário, bem como o incentivo à formação de leitores e leitoras de Educação

Básica para além do livro didático são resultados almeja- dos com esta proposta. Afinal, vivemos em uma sociedade em rede, mediada pelas tecnologias que nos deixam constantemente, conectados uns aos outros (Castells,1999), e revistar Os Sertões, de Euclides da Cunha, desta vez, nos livros didáticos, poderá nos revelar leituras que por muitos anos não foram exploradas. Todavia, seguimos para os passos metodológicos.

## **METODOLOGIA**

... Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados. (Cunha, 2003, p. 497-498 apud CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nívia, 2016, p. 81)

Em passos lentos e calculados, entramos em Canudos através das pistas deixadas há mais de um século por Euclides da Cunha. Ele, sem dúvida, deu um pontapé nos registros históricos de uma guerra, e com o seu livro Os sertões, mostrou que é possível olhar para o mesmo fato e ter opinião oposta à versão dita como oficial e ir além, ou mudar de opinião ao não ser guiado pelo juízo de valor. Saber que Canudos não se rendeu, como os manuais didáticos registram acerca da literatura Pré-Modernista euclidiana, é fato. No entanto, o nosso olhar está para além do “fragmento” exposto retirado da obra em discussão. Como justifica na mesma página uma foto com várias mulheres e crianças no chão, rendidas, tristes, apáticas, cercada de militares? Tal imagem, leva-nos a inferir o quanto a história de Canudos é escorregadia, o uso da imagem é meramente ilustrativa, nenhum indício exploratório da situação daquelas pessoas prisioneiras da guerra. A imagem apresentada no livro de Campos e Assumpção, trata-se de “Sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro”, registro de Canudos em 1897, por Flávio de Barros, fotógrafo oficial da Guerra de Canudos, disponível no Museu da República.

Iniciamos o nosso caminhar desse jeito para mostrar o quanto a literatura pode se associar a outras artes, conexão para novas narrativas, “Os Sertões” interage com várias artes nos livros didáticos analisados: fotografias, cordéis, caricaturas, pinturas, xilografuras, teatro e cinema. Assim, optamos investigar as artes plásticas alusivas direta ou indiretamente ao livro euclidiano, selecionamos trinta livros de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Ensino Médio.

Todavia, ao trazermos para a discussão as abordagens semióticas, com foco no diálogo entre a literatura euclidiana e outras artes, moveremos signos, e Santaella (1984) traz uma contribuição rica sobre o podemos chamar de semiótica, considerada como ciência dos signos, sem precisamente confundir com os signos do zodíaco, nem pensar em “ótica pela metade”. E de forma agradável, Santaella mostra que vivemos em um mundo das linguagens, para ela, a semiótica é a ciência que estuda todas as linguagens, sejam verbais ou não verbais. A literatura e outros signos remetem proposições intersemióticas, para Barthes (2001), há forças de poder da literatura que não a deixa ser capturada. Tais forças são: *mimesis*, *mathesis* e *semiosis*, sendo esta última a que nos interessa pela capacidade de multiplicar os sentidos. Ação vista nos livros didáticos investigados, através das costuras artísticas dadas a literatura de Euclides da Cunha.

A cada manual didático investigado as desconstruções do literário acontecem, a narrativa de Euclides da Cunha, através de *Os sertões*, aparece multifacetada, com diferentes linguagens e séries discursivas. A construção do segundo Arraial de Canudos, logo após o último combate (1897), praticamente, é ignorada nos manuais didáticos, bem como o alagamento de toda região em 1968, causando novos deslocamentos dos moradores para áreas próximas. O bom Conselheiro já dizia: “O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”, mas como palavras ao vento, as profecias não tinham créditos fora do arraial.

Derrida (2014) defende que a literatura precisa abrir-se ao mundo para dialogar com outros saberes, outras produções artísticas e culturais, porque pensar numa essência da literatura, é ter a certeza de ela não existe, e num processo de tradução, apenas os rastros do idioma ou do texto original sobrarão. Segundo Derrida, o poder da literatura consiste no despoder, na capacidade de dizer o



que outros recusam, e a desconstrução vai liberar o prazer do texto, o gozo e até mesmo o proibido. Investigando a obra de Euclides da Cunha pelo viés literário, percebemos o quanto a escrita desconstrutora conseguiu liberar o proibido dos bastidores de uma guerra.

E esse prazer que nos move e impulsiona a prosseguir, vistoriar livros didáticos para que possamos dentro da sala de aula promover discussões acerca do conflito armado em Canudos e outros conflitos ideologicamente armados que chegam às mãos estudantis, para que não perpetue nos estudantes visão única, na sua maioria, acusatória e preconceituosa alusiva aos sertanejos. No fragmento do artigo “Canudos, miséria, fanatismo e violência” que se encontra no manual didático Português: Linguagens, de Cereja e Magalhães (2005) aponta como causa da Guerra de Canudos uma quebra de compromisso de compra e venda de madeira para construção da igreja de Canudos, entre um “fanático religioso” e um comerciante da cidade de Juazeiro, na Bahia. Indo além, os autores discorrem sobre o “fanático religioso” Antônio Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, e em torno dele milhares de pessoas miseráveis foram entregues à própria sorte.

A Guerra de Canudos foi também uma guerra de narrativas, uma guerra do ódio, ela perpassa por uma eventual quebra de compromisso. Mesmo porque, a tal ameaça que os sertanejos conselheiristas invadiriam Juazeiro para adquirir o produto pago antecipadamente, nunca se concretizou, porém aconteceu o contrário, foram os militares que invadiram e incendiaram Canudos, depois de três tentativas frustradas.

E temos exemplos atuais o quão prejudiciais são os discursos do ódio, sem fundamentação alguma, capazes de criar falsos mitos com uso das redes sociais. Rocha (2021) traz uma importante contribuição e alerta acerca da retórica do ódio fruto de uma guerra cultural, e aponta o Olavo de Carvalho como um grande expoente do crescimento avassalador do bolsonarismo no Brasil. Segundo Rocha, Carvalho ao propagar fake News e declarar guerra contra os adversários políticos nos espaços virtuais, utiliza-se de termos agressivos e pejorativos para atrair multidões de seguidores, a ponto de eleger o Jair Messias Bolsonaro à Presidente da República, nas eleições de 2018. Se no final do século XIX os boatos acerca de Antônio Conselheiro e seus seguidores serviram para criação de

monstros, um século depois as redes sociais foram utilizadas para criação de um de mito, no entanto, monstros ou mitos são frutos de retóricas de ódio, porém não são autossustentáveis, a retroalimentação discursiva é fundamental para manutenção dos títulos.

A etapa seguinte é acompanhar a desmontagem da literatura para produções artísticas que migram para os espaços virtuais, sendo e a caricatura e a pintura as artes mais recorrentes nos manuais pedagógicos em análise. A caricatura de Antônio Conselheiro com as longas barbas brancas, roupas compridas, cajado numa das mãos, bíblia ou crucifixo na outra, é o retrato que os manuais didáticos pintam, conseqüentemente, os estudantes reproduzem. Talvez, devido à falta de “Preliminares” de A Luta, terceira parte do livro de Euclides, nos manuais didáticos, tenha contribuído para a construção equivocada da justificativa para a Guerra de Canudos.

Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava a braços com outras insurreições. A cidade de Lençóis fora investida por atrevida malta de facínoras, e as suas incursões alastraram-se pelas Lavras Diamantinas; o povoado de Brito Mendes caíra às mãos de outros turbulentos; e em Jequié cometiam toda a sorte de atentados. (CUNHA, 2018, p.166)

Bem, diante de uma pincelada do percurso metodológico, passando pela investigação do livro didático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, ao trilhar pelas redes sociais do artista plástico Silvio Jessé, deparamo-nos com uma infinidade de pinturas que retraram Canudos, o cenário da Guerra, Antônio Conselheiro entre outros personagens anônimos que deixam marcados o grito através das expressões faciais e registros tipo: “Viva Canudos!” “Salve Canudos!” “Canudos sempre!” Com isso, as cores fortes de tinta no acrílico e terra fazem com que Os sertões, de Euclides da Cunha, possa ser lido e deslido a partir das pinturas. Silvio Jessé dos Santos Junior, nasceu em Vitória da Conquista, em 1960. Porém, é na pequenina cidade de Mucugê, Chapada Diamantina, no Atelier Silvio Jessé, a profusão de cores e imagens chama a atenção dos turistas que visitam a cidade, lembrando que na sua cidade natal há outro atelier do artista.



Segundo Aleilton Fonseca a trajetória de Silvio Jessé é muito ligada ao sertão, vaqueiro, roça, pessoas simples, uma arte muito intensa, pintada em telas e aquarelas que ganharam o mundo. A coleção Belo Monte/ Canudos ganhou um toque a mais a partir do momento em o artista Silvio Jessé resolveu conhecer de perto os locais representados através dos pincéis, após leitura de Os sertões, de Euclides da Cunha e outros livros que discutem a temática, ele fez a travessia, aprimorou técnicas e registros de uma guerra história.

Silvio Jessé trouxe de Canudos amostras de terra e uma nova inspiração dos campos e arredores do arraial de Belo Monte, sonho, lar e jazigo de Antônio Conselheiro e os sertanejos seus seguidores. As imagens brotaram da nova experiência in loco, inundaram sua imaginação, minando das páginas dos livros, das fotografias, dos relatos, dos diálogos e das vivências. As técnicas e os materiais se diversificaram, e as telas foram recebendo ora tinta ora terra, em belas alegorias da faina cotidiana e dos dias de martírio vividos pelos habitantes de Belo Monte, ditos mártires canudenses. (FONSECA, 2018, p. 81)

A história de Canudos é bem viva! Apesar da infinitude de produções a respeito, há muito a ser explorado dessa junção da literatura de Euclides com as artes nos manuais didáticos. Uma arte que ora está no livro didático, ora está nos espaços virtuais, no entanto muitas são utilizadas apenas para ilustrar as páginas, desconectada com os fragmentos da literatura euclidiana em investigação. Em busca de referências, conhecer pinceladas artísticas de Silvio Jessé, tanto virtual, como em visitas presenciais no ateliê do artista, na cidade de Mucugê, foram imprescindíveis. Desde então, a desconstrução da literatura de Euclides da Cunha não estava só nos livros didáticos de Português do Ensino Médio, carregados de caricaturas, as produções artísticas de Silvio Jessé, apesar do Conselheiro trazer alguns traços semelhantes às artes presentes no livro didático, a intesidade dos traços e tintas revelam diferentes expressões, o religioso “fanático” dos livros didáticos é transformado em um grande líder e herói de Canudos, conforme a arte de Silvio Jessé. Imagens que o leitor poderá conferir na abordagem seguinte.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem. (BILAC, Olavo, 1996, apud ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. V. 3, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 17)

Pensar que a destruição de Canudos acabou em 6 de outubro de 1897 por causa do fanatismo de um religioso se configura num erro sem procedência. Assim como existem os “marcados para morrer”, Canudos era um local pobre, foi destruída numa tentativa vã de servir de exemplo para outras cidades que estavam com grupos se rebelando contra o governo. A campanha contra Canudos ganhou proporções gigantescas devido às informações midiáticas da época, ou as desinformações propagadas em jornais. E texto como de Olavo Bilac, retirado do manual didático de Português: contexto, interlocução e sentido, de Abaurre, Abaurre e Pontara (2013), volume 3, Ensino Médio, reflete como o discurso de ódio que se propagou contra os moradores de Canudos e do seu líder religioso ganhou corpo e forma pelo país, transformando desafortunados em rebeldes perigosos que precisariam ser banidos para não ameaçar o governo republicano.

Não tem como ser indiferente a tragédia ocorrida com o massacre dos sertanejos em Canudos, no final do século XIX, o massacre ganhou o mundo, um artigo publicado num jornal de Québec, em 1897, traduzido do francês por Cláudio Veiga, noticia a história que ocorreu na Bahia/Brasil assim:

Pesa-me dizer aos leitores de Le Peuple Souverain que no Brasil, nesta hora, projeta-se crime hediondo contra a nacionalidade. A principal vítima é o sertanejo, que se tem defendido e continuará a defender-se de unhas e dentes, mas que terminará por entregar seu sangue às armas republicanas. E queira Deus que eu esteja enganado. Mas o Brasil, se consumir tal ignomínia, terá um julgador implacável: a História. (VEIGA, 2002, p. 124 In: SOUZA, 2004, p. 10)

Falar que a trajetória de Canudos foi um “crime hediondo contra a nacionalidade” traduz muito bem o sentimento que fica em cada um de nós. No documentário Paixão e Guerra no sertão de Canudos, dirigido por Antônio Olavo (1993) traça o percurso percorrido por Antônio Conselheiro e seus seguidores, através de várias entrevistas com historiadores, escritores, moradores de Canudos, padres, entre outros. É paupável a admiração que nutrem pelo grande líder religioso do final do século XIX, alcunha de “Bom Conselheiro” não se perdeu com o tempo. E as narrativas documentais se contrapõem com o retrato pintando do Conselheiro monstruoso que tentaram fabricar para justificar a carnificina que houve no Arraial de Canudos.

Fig. 1



Fig. 2



As figuras 1 e 2 que aparecem nos livros didáticos chamam a atenção, ambas usam a arte com as tintas e pincéis para representar Antônio Conselheiro, apontado como líder da revolta de Canudos. Acabar com Canudos, após cada derrota militar, tornou-se uma questão de honra para o governo, e o alvo dos discursos de ódio era o líder religioso de Canudos, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Conselheiro. Não foi por acaso a quantidade de caricaturas e charges produzidas para representá-lo de forma pejorativa, como: “fanático”, “sujo”, “beato”, “inconsequente”, “diabólico”, “profeta” entre outros termos.

O artista plástico Descartes Gadelha (Fortaleza, 1945) criou um conjunto intitulado Cicatrizes Submersas, dentre elas, O reformista (Fig. 1), retirado do livro didático do Ensino Médio, volume 3, Esferas das linguagens, das autoras Maria Inês Batista Campos e Nívia Assumpção, FTD, 2016. p.88. Na imagem, a representação do

Antônio Conselheiro no centro, com a enxada e a cruz, enquanto a sua volta, rostos cadavéricos voltados para o céu, igual ao líder, como se esperassem a solução do alto para os problemas. Fanatismo, loucura e diabólico termos atribuídos as ações de Antônio Conselheiro fazem parte da carga ideológica construída ao longo dos anos, que não começou com o conflito entre juazeirenses e canudenses, já que os boatos de invasão a Juazeiro alimentam a teoria da conspiração resistente ao tempo.

O retrato que foi pintado de Antônio Conselheiro reflete nos traços caricaturais do alvo. Conforme a Fig. 2, trata-se de uma caricatura cujo autor é Pereira Neto, para a Revista Ilustrada, em 1897, disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esta imagem foi retirada do livro de Português (CAMPOS e ASSUMPÇÃO, idem, p. 78), no qual a legenda traz informações sobre Antônio Conselheiro e os problemas que ele teve com o governo republicano ao liderar uma rebelião contra a cobrança abusiva de impostos, já que Belo Monte, local onde fixou moradia com seus seguidores, era desassistida política, social e culturalmente. As imagens nos livros didáticos são cuidadosamente escolhidas, mas pouco comentadas, talvez, uma forma de se esquivar de um tema que mexe com as políticas governamentais do país. Falando em política, Prudente de Moraes era o Presidente da República (1893-1897) no período do conflito, no qual um dos boatos circulados acerca de Canudos era a constituição de monarquia, uma séria ameaça contra a república recém-constituída no país.

Tais imagens induzem aos leitores, neste caso os estudantes de Ensino Médio, a conhecer um Antônio Conselheiro fanático, barbas sujas e longas, mesmo com o canhão apontado em sua direção, ele fixa os olhos firmes para o alto, sem largar o cajado, rumo a destruição, assumindo desse modo, a responsabilidade pelo conflito sangrento. Inegavelmente, para os estudantes de Ensino Médio, as primeiras impressões sobre o conflito ocorrido em Canudos partem do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, através dos fragmentos dispostos nos manuais didáticos. E obra de Euclides da Cunha com os relatos da Guerra de Canudos, por muitos anos foi vista como a matricial, para Rocha,

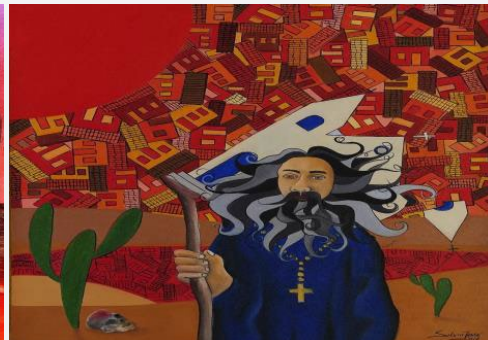
Até os anos cinquenta do século XX, o texto de Euclides da Cunha foi considerado a narrativa autorizada como verdade inabalável sobre o fato histórico e responsável pela manutenção do interesse pelo tema. Para alguns intelectuais, *Os Sertões*, pela sua maquinaria de linguagem, que procura conjugar as ambições histórica e estética (pretendia ser relato fiel da história, e, ao mesmo tempo, se oferecia como monumento artístico-literário), teria immortalizado a luta sertaneja, possibilitando a perenização de sua memória. Outros, porém, defendem Canudos como tema magistral em si próprio, sustentando que o relevo e a magnitude temática teriam emprestado fama a Euclides. (ROCHA, 2006, p. 189)

Euclides foi descoberto em Canudos ou Canudos precisou de Euclides para se tornar um símbolo de resistência contra o sistema governamental? Sabemos que o tema está longe de se esgotar, por estarmos num sociedade em rede, as conexões independem da nossa vontade de ligar ou não ligar um aparelho de celular, mesmo porque estamos conectados a aplicativos variados, sites, blogs e redes culturais, nas quais, indubitavelmente, a literatura circula. E *Os Sertões*, de Euclides da Cunha serve de pano de fundo para criação e recriação artística. Através de algumas obras do artista plástico baiano Silvio Jessé, a tragédia ocorrida em Canudos se faz presente.

Fig. 3



Fig. 4



A figura 3, traz a informação " terra e sangue sobre a tela" reflete a criatividade do artista plástico Silvo Jessé, ao reproduzir o final da Guerra de Canudos através da arte. "O Fim" ao circular



no instagram do autor com as inscrições “Salve Canudos! Canudos é luta! É resistência!... É EXEMPLO!...VIVA CANUDOS!” (@silviojesse) numa postagem de 05 de outubro de 2021. A destruição da igreja de Canudos foi a ação final para que o encerramento da guerra pudesse ser declarado, já que os poucos homens que restaram estavam combatendo o terrível inimigo do alto da igreja. O sangue e a terra trazem para a pintura de Jessé um realismo interessante, pois foram esses dois elementos que sobraram no chão de Canudos após o término do conflito: muito sangue inocente derramando se misturando com o amontoadado de terras, entulhos e cinzas que restaram das destruições e incêndios das casas.

Os sertões ao trazer à tona os bastidores de um massacre entre “civilizados” do litoral e os “brancos” do sertão, tornou-se por muitos anos uma espécie de matriz para estudos sobre a Guerra de Canudos. Vale lembrar que o livro de Euclides surgiu de uma série de reportagens feitas por ele acerca dos problemas que estavam ocorrendo na Bahia. Até então, o autor por muito tempo estava como observador a distância, só no mês de agosto que Euclides da Cunha veio para acompanhar o término da Guerra, na sua quarta expedição fortemente armada com canhões, sabia que o fim estava próximo. Para Hermann é um tema apesar de ultrapassar os cem anos, e a infinidade de textos que tem a respeito, não se esgota.

A história da guerra ou do movimento de Canudos tem sido incansavelmente contada ao longo dos últimos cem anos. Analisada em várias de suas possíveis dimensões, este episódio ensejou diversas interpretações e marcou tragicamente o processo de transição política que deu origem ao regime republicano brasileiro. A busca de explicação para a necessidade de extermínio de uma população que chegou a estimar em 25.000 sertanejos miseráveis e mal armados produziu inúmeros trabalhos, dos quais, certamente, o clássico de Euclides da Cunha foi o que mais contribuiu para que a saga conselheirista fosse conhecida dentro e fora do Brasil. (HERMANN, p. 81, 1996)

A pintura do artista plástico Silvio Jessé( fig 3) traduz esse extermínio, o banho de sangue e terra, onde o vermelho e a própria terra utilizada na confecção da obra de arte, representam o cenário



após a queda da igreja, local onde estavam os últimos sertanejos resistindo não apenas um exército fortemente armado, mas a fome, a sede e a anulação do ser. Uma resistência que ganhou o respeito do mundo, principalmente, depois da publicação de Os sertões, de Euclides da Cunha. O professor historiador Manoel Neto(2002) nos cem anos de publicação da obra prima euclidiana, em artigo para o Estado de São Paulo discorre sobre os primeiros anos de Canudos depois da guerra, e segundo ele, é comum apontarem 1910 como um marco para o repovoamento de Canudos, mas conforme as pesquisas orais realizadas pelo Jornalista Lélis Piedade com moradores antigos da região como à família de João Reginaldo Matos, mais conhecido como “João Regis”, o povoamento é marcado a partir dos dois anos após o massacre, autorizado pelos coronéis José Américo Camelo e Janjão de Macedo. Estas informações variam conforme a fonte. No documentário “ Três vezes Canudos”, do Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), no Núcleo Audiovisual, conforme os depoimentos de historiadores, cineasta, cordelista, político entre outros, Canudos foi destruída em 1897, reerguida em 1909, mas em 1969, novamente sumiu do mapa, por conta da construção de um açude que repressou as águas do Rio Vaza Barris, fazendo com que os moradores de Canudos fossem para outro local.

A figura 4, o artista Silvio Jessé representa o Antônio Conselheiro, utilizando-se de óleo sobre a tela, “ O Conselheiro” se difere das representações artísticas apresentados nos livros didáticos, nas mãos do artista Jessé a profusão de cores, elimina o ar sombrio do ser representado. O “Bom Conselheiro” como é identificado nas redes sociais do autor, traz os cabelos ao vento, vestes azul, usando um crucifixo amarelo, mas sem nenhum aspecto de sujeira ou degradação. É um líder forte, destemido, enquanto as casas e igrejas estão abaladas, tortas, despencando, sem serem destruídas, o Conselheiro permanece inabalável diante do cenário às suas costas. O tom avermelhado toma quase toda a tela, clara alusão da quantidade de sangue jorrado no local do conflito na tela representada.

As pinturas nos mostram uma outra Canudos, diferente das imagens utilizadas em manuais didáticos, geralmente, caricaturas de Antônio Conselheiro são as mais comuns, numa clara intenção de diminuir a ação de um senhor que se mostrou ser um grande

líder, por conta dessa liderança muitas famílias passaram a segui-lo. No entanto, o livro *Os sertões* foi o material essencial para desencadear uma série de estudos sobre uma guerra ocorrida no sertão baiano na qual milhares de pessoas morreram. A denúncia presente no livro euclidiano sobre a não rendição dos sertanejos, é rememorada de diferentes formas artísticas. “O Fim” do/sobre o conflito, tornou-se para muitos artistas o começo de uma nova narrativa, a partir da arte. Enquanto Silvio Jessé pintou “O Fim” com terra e sangue( fig. 3), o poeta José Américo Amorim usou as letras:

Em cinco de outubro  
Era só destruição  
Muitos corpos mutilados  
Por dinamite e canhão  
Na terra prometida  
A solidão se plantou  
Casebres todos em chama  
A tirania triunfou.  
Soldados ainda rugiam  
Com ataques de loucuras  
Prisioneiros sentiam na pele  
Todo tipo de torturas.  
Mas temos que tomar  
Como exemplo esse povo  
Que lutou bravamente  
Em busca de um tempo novo.  
Canudos não se rendeu!  
( AMORIM, 2018, p. 72)

Segundo Antônio Olavo, responsável pela descrição do poeta José Américo Amorim(idem) na orelha do livro, o poeta viveu ouvindo histórias sobre o conflito, histórias da sua gente, por isso não precisou estudar para fazer os versos, e assim é descrito “Américo é a alma sertaneja, pois conhece cada pé de planta do sertão, cada pedra que rola das muitas serras, cada animal que vagueia sob o sol escaldante.”

Assim, vimos como as letras e os pincéis dialogam sobre Os sertões, de Euclides da Cunha. Um diálogo que está bem longe de

ser interrompido, concluído, pois muito se tem a descobrir, investigar, confrontar, e, através da intersemiose as diversas linguagens nos são apresentadas, e podemos ouvir as vozes que no final de século XIX foram silenciadas, dessa vez, ecoadas através das letras e pinceis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui é o resultado de muitas idas e vindas, leituras e desleitura, entretanto buscar essa desmontagem alusiva ao livro Os Sertões, de Euclides da Cunha, tem sido algo muito revelador e ao mesmo tempo inquietante. Como os fragmentos que recortam a Campanha de Canudos nos livros didáticos trazem imagens tão negativas dos sertanejos. Quando o estudante de Ensino Médio passa as primeiras impressões da leitura fundamentado nos fragmentos dispostos nos livros didáticos, a imagem alusiva a Antônio Conselheiro é também caricaturada, geralmente negativa com rótulos.

A importância de trabalharmos o texto em diferentes perspectivas linguísticas, fazendo a conexão intersemiótica, a fim de que haja análise, investigação, pesquisa e interpretação, percorremos diversos caminhos apresentados pela leitura de Os sertões, mas ficamos com as artes nos manuais didáticos. E foram esses caminhos que nos levaram até o artista plástico Silvio Jessé, com uma quantidade significativa de obras da Coleção Belo Monte/ Canudos – Terceira margem. Caminhos em direção aos livros didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio para investigarmos como a literatura euclidiana chega até o estudante/leitor do material didático.

Nos livros didáticos que estão sendo analisados não mostaram até então, as sequências em que Canudos deixou de existir, e ressurgir do pó, das águas, das lutas de cada descendente. Para o professor historiador do Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), Manoel Neto, são 34.000 documentos primários disponíveis para os pesquisadores do episódio de Canudos. Esse número significa dizer que está muito longe de esgotar um tema com uma riqueza de material a ser escavado. Os diálogos entre a literatura euclidiana e pinturas alusivas à tragédia ocorrida em Canudos, contribuem com o aparecimento de novos textos e novas artes. E dessas artes que

não foram submersas pelas águas do Vaza Barris os gritos ecoam para que nunca mais canhões sejam disparados contra inocentes, pobres e desassistidos.

De repente, Os sertões não está mais nas páginas escritas por Euclides da Cunha, depois de mais de um século, a história de Canudos agigantou-se, e só a literatura não dará conta, e encontramos a representação de Antônio Conselheiro nas esculturas, pinturas, xilogravuras, caricaturas entre outros. E em cada arte remete, não apenas as narrativas de uma guerra entre militares fortemente armados contra sertanejos, mas contra todas pessoas que lutam por dias melhores, defensores da própria terra, dos casebres construídos, das árvores plantadas e animais criados. Com isso, vimos a literatura abrir-se para o mundo, como defende Derrida(2014), dialogando com outros saberes, outras produções artísticas e culturais, afinal o tema da Guerra de Canudos nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, é escorregadio para uns, árido para outros, ainda há os que optam em não citá-lo nos manuais didáticos, todavia, a partir do pontapé dado por Euclides da Cunha, outros diálogos surgiram, principalmente, com ajuda dos pincéis.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, José Américo. **Canudos 120 anos**. Salvador: ALBA, 2018.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Trad. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997. 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Barueri, São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FONSECA, Aleilton. Coleção Belo Monte/Canudós – Terceira margem de Silvío Jessé. **Revista Língua e Meia**.

GODET, Rita Olivieri –; SOUZA, Lícia Soares (org.) **Identities e representações na cultura brasileira**. João Pessoa: Ideia, 2001.

HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1996, p. 81-105.

OLAVO, Antônio. **Paixão e Guerra no sertão de Canudos**. Diretor e roteirista Antônio Olavo. Documentário. 1993. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=4rnFi9auXYE> acesso em 20 de set. 2021.

REZENDE, SÉRGIO. **Guerra de Canudos**. Diretor Sérgio Rezende. Produção Mariza Leão, filme, 1996. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=34iCBr9r1CY> acesso 20 de set. 2021,

ROCHA, Iraci Simões da. **Imagens do intelectual Euclides da Cunha: permanência e deslocamentos**. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Instituto de Letras, 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e a retórica do ódio** – crônica de um Brasil pós-político. Prefácio de Cláudio Ribeiro. Goiânia: Caminhos, 2021

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SOUZA, Lícia Soares de. A poética histórica do ciclo canudiano. In: **O guardador de inutilidades**: Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco, n. 7, Campo Grande: UCDB, 2004. p. 5-16